



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE GEOGRAFIA**

MARIA DO SOCORRO VIEIRA LAURINDO

**CINEMA E GEOGRAFIA:
O AUTO DA COMPADECIDA COMO PROPOSTA DIDÁTICA PARA O
ESTUDO DA REGIÃO NORDESTE**

**CAMPINA GRANDE – PB
2021**

MARIA DO SOCORRO VIEIRA LAURINDO

**CINEMA E GEOGRAFIA:
O AUTO DA COMPADECIDA COMO PROPOSTA DIDÁTICA PARA O
ESTUDO DA REGIÃO NORDESTE**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Geografia da Unidade Acadêmica da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Geografia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Angélica Mara de Lima Dias.

**CAMPINA GRANDE-PB
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L385c Laurindo, Maria do Socorro Vieira.
Cinema e geografia [manuscrito] : O Auto da Compadecida como proposta didática para o estudo da região nordeste / Maria do Socorro Vieira Laurindo. - 2021.
49 p. : il. colorido.

Digitado.
Monografia (Especialização em Ensino de Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2021.
"Orientação : Profa. Dra. Angélica Mara de Lima Dias, UEPB - Universidade Estadual da Paraíba ."

1. Recursos didáticos. 2. Ensino de geografia. 3. Nordeste.
I. Título

21. ed. CDD 372.89

MARIA DO SOCORRO VIEIRA LAURINDO

CINEMA E GEOGRAFIA:

**O AUTO DA COMPADECIDA COMO PROPOSTA DIDÁTICA PARA O
ESTUDO DA REGIÃO NORDESTE**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Ensino de Geografia.

Área de concentração: Ensino de Geografia

Aprovado em: 27/08/2021.

BANCA EXAMINADORA

Angélica Mara de Lima Dias

Prof.^a Dr.^a Angélica Mara de Lima Dias
(Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Valéria Raquel Porto de Lima

Prof.^a Dr.^a Valéria Raquel Porto de Lima
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Regina Celly Nogueira da Silva

Prof. Dr.^a Regina Celly Nogueira da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À Deus, porque é fiel e sua fidelidade dura para sempre,
DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me concedido a honra de concluir uma pós-graduação, onde muitos não acreditavam no meu potencial.

À Joana D'Arc, coordenadora do curso de Especialização, por seu empenho, agradecer também pelo cuidado e carinho que sempre teve por todos.

Quero deixar meu agradecimento mais que especial a minha orientadora, Dr^a Angélica Mara de Lima Dias, pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação, que foi um verdadeiro anjo na minha vida. Ela que vem me acompanhando desde os tempos de graduação, nunca largou minha mão. A você, Angélica meus mais sinceros agradecimentos, agradecimento pelas leituras, pelos puxões de orelha, que me fizeram crescer academicamente, agradeço pela paciência, pelo incentivo, por carinho que sempre teve comigo.

O caminho percorrido não foi fácil, mas com fé em Deus, cheguei até aqui, então a Ele toda honra e toda glória. Quero deixar aqui meu agradecimento ao meu pai pelo incentivo de sempre querer o melhor para mim.

Agradeço a minha mãe Maria (*in memoriam*), embora fisicamente ausente, sentia sua presença ao meu lado, dando-me força. Agradecer pelas noites mal dormidas, que só iria dormir quando eu chegava da universidade. A você minha mãe oferece a conclusão dessa pós-graduação e meu amor incondicional.

Agradecer a Almir (namorado), meu maior incentivador na vida acadêmica. Deixo aqui meu sincero agradecimento a ele, pois sempre me incentivava com seus conselhos, e alguns “puxões de orelha”. Estou muito feliz por ter chegado até aqui, pois foi um caminho longo e árduo.

Enfim, queria agradecer à toda a minha família, em especial a minha irmãs Damiana (Miana) e Francisca (Enka), por serem tão presentes em minha vida. Enfim agradeço a todos meus irmãos pelo incentivo e apoio.

Agradeço a todos os professores do Departamento de Pós-graduação de Ensino de Geografia, em especial a professora Angélica Mara, que por sinal é minha orientadora, pelos ensinamentos em sala de aula, agradecer também a toda a coordenação do curso, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário, em especial a secretária Rayane, por muitas vezes nos auxiliarem com algum problema.

A todos os colegas de curso, no qual não poderei citar nomes, pois poderia ser injusta com alguns, mas que de forma geral foi de fundamental importância para meu aprendizado e fizeram parte do meu crescimento. Obrigada pelos momentos de amizade e apoio.

Enfim, agradeço a todos que fazem parte da minha vida e que de alguma forma, direta ou indiretamente contribuí para a realização desse sonho, e a Deus, por ser sempre o meu socorro tão presente. OBRIGADA!!!

Não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes.

Paulo Freire.

RESUMO

Muito vem se discutindo sobre a utilização de recursos midiáticos como abordagem didática para o ensino de Geografia para superar práticas mnemônicas e aproximar os conteúdos da realidade vivida do aluno. Neste sentido, este trabalho analisa o uso de filme “O Auto da Compadecida” como recurso didático para o ensino de Geografia, mais precisamente para os temas que tratam da Região Nordeste, propondo um direcionamento aos professores, no intuito de colaborar para uma maior dinamicidade das aulas e um maior interesse por esta disciplina escolar. Para alcançar o objetivo proposto, realizamos uma pesquisa bibliográfica em livros, bancos de teses e dissertações e plataformas de artigos científicos sobre ensino de Geografia, cinema enquanto recurso didático e Região Nordeste, na qual se deu a escolha do filme. Como resultados, evidenciamos que o recurso didático em questão, usado de maneira adequada e com objetivos previamente traçados, conduz a aulas de Geografia mais significativas, capazes de envolver os alunos no processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-Chave: Recursos Didáticos. Ensino de Geografia. Nordeste.

ABSTRACT

Much has been discussed about the use of media resources as a didactic approach for teaching Geography to overcome mnemonic practices and bring contents closer to the student's lived reality. In this sense, this work analyzes the use of the film “O Auto da Compadecida” as a didactic resource for teaching Geography, more precisely for the themes that deal with the Northeast Region, proposing a direction for teachers, in order to collaborate for greater dynamics classes and a greater interest in this school subject. To achieve the proposed objective, we carried out a bibliographical research in books, theses and dissertations banks and platforms of scientific articles on the teaching of Geography, cinema as a didactic resource and the Northeast Region, in which the film was chosen. As a result, we show that the didactic resource in question, used properly and with previously outlined objectives, leads to more significant Geography classes, capable of involving students in the teaching-learning process.

Key words: Didactic Resources. Teaching Geography. Northeast.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Capa do Filme O Auto da Compadecida.....	30
Figura 2 – Cenas do filme: O Auto da Compadecida.....	31
Figura 3 – Cenas do filme: O Auto da Compadecida.....	33

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Sequência didática para o trabalho com filmes.....39

Quadro 2 - Conceitos e conteúdos geográficos a serem trabalhados a partir do filme *O Auto da Compadecida*.....41

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
ENADE	Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
TIC	Tecnologia da Informação e Comunicação

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	CINEMA, EDUCAÇÃO E GEOGRAFIA: PROPOSIÇÕES TEÓRICAS	14
2.1	A HISTÓRIA DO CINEMA E SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO.....	14
2.2	O CINEMA COMO RECURSO DIDÁTICO.....	18
2.3	CINEMA E GEOGRAFIA: UMA POSSIBILIDADE DIDÁTICA.....	23
3	METODOLOGIA	28
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	29
4.1	O FILME O AUTO DA COMPADECIDA E SUA RELAÇÃO COM A REGIÃO NORDESTE.....	29
4.2	PROPOSTA DE ESTUDO DA REGIÃO NORDESTE ATRAVÉS DO FILME O AUTO DA COMPADECIDA.....	34
4.3	DESENVOLVIMENTO DA PROPOSTA DE ESTUDO.....	37
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
	REFERÊNCIAS	44

1 INTRODUÇÃO

Vivemos em um mundo em que a educação é primordial para se ter uma vida melhor, onde possamos crescer culturalmente e financeiramente. Num mundo cada vez mais conectado e globalizado, as exigências são cada vez maiores e as oportunidades são raras e precisam ser aproveitadas ao máximo.

Diante desta informatização do mundo e o desenvolvimento rápido dos meios de conversação e da popularização das tecnologias, a sociedade se transformou no que se refere aos hábitos de consumo e de se informar. Isso também é visível no ensino-aprendizagem, pois cada dia surge uma nova ferramenta metodológica de ensino, e alguns educandos recorrem a tais ferramentas educacionais como forma de melhorar a absorção melhor dos conhecimentos e assim facilitar o aprendizado do aluno.

Alguns educadores devem se perguntar o que fazer para melhorar o aprendizado do aluno, qual o melhor momento de inserir os meios tecnológicos nas aulas de Geografia. O que fazer para que o ensino de Geografia seja mais atrativo e menos cansativo? Pois atualmente, muitos educandos reclamam que o ensino da disciplina Geografia, continua sendo trabalhado em uma abordagem didática tradicional, no qual predominam velhas formas mnemônicas, tendo como recurso pedagógico principalmente o livro didático, a lousa e a exposição oral do professor. Muitas vezes a carga horária do professor também não permite que o mesmo desenvolva uma proposta inovadora.

Por isso fica evidente a necessidade de atrelar diversificadas metodologias ao processo de ensino-aprendizagem, tendo em vista as constantes mudanças e surgimento de novas tecnologias e formas de expressão humanas. Dentro deste contexto, a arte cinematográfica no ensino de Geografia, consiste em mais um impulso no processo de compreensão do conteúdo e recebe significativo destaque.

Alguns educadores sentem dificuldade de fazer a ponte entre o cotidiano do aluno com a Geografia, no entanto é preciso deixar evidente que a Geografia deve prever a construção da cidadania. Deve trazer reflexão constante de uma consciência construída sobre ambiente vivido. Neste contexto os professores de Geografia devem buscar conhecer e compreender o ambiente dos alunos, com isso trazer propostas de ensino aprendizagem que possam ser utilizadas na mediação do conhecimento, daí a proposta de se trabalhar com filmes em sala, por acreditar que a ficções cinematográficas, sejam o meio midiático mais próximo do educando, já que o mesmo tem fácil acesso ao mesmo.

Assim, o objetivo desse trabalho que recebe o título de “Cinema e Geografia: O Auto da Compadecida como proposta didática para o estudo da região nordeste” é analisar o uso de filme supracitado como recurso didático para o ensino de Geografia, mais precisamente para os temas que tratam da região nordeste, propondo um direcionamento aos professores/educadores, no intuito de colaborar para uma maior dinamicidade das aulas e um maior interesse por esta disciplina escolar. Para alcançar o objetivo proposto, realizamos uma pesquisa bibliográfica em livros, bancos de teses e dissertações e plataformas de artigos científicos sobre ensino de Geografia, cinema enquanto recurso didático e região nordeste, na qual se deu a escolha do filme.

A escolha pelo filme *O Auto da Compadecida*, se deu por este ser de fácil acesso, ambientado na região Nordeste (não era cenário fictício), escrito por um nordestino, conhecedor da região, além de abordar diversos temas, sejam eles, sociais, econômicos, religiosos e culturais da região Nordeste, de maneira fiel e atemporal. Por se tratar de um trabalho bibliográfico de natureza qualitativa, procuramos observar o alcance do tema estudado e verificar seu efeito na educação básica.

Para organizar as discussões aqui propostas, optamos por dividir este trabalho em quatro partes. Logo após as considerações introdutórias, discutimos a história do cinema e sua relação com a educação, traçamos, um breve histórico sobre o surgimento do cinema com os irmãos Lumière na França. Mais adiante, optamos por esclarecer a importância do cinema como recurso didático, para em seguida, falar de sua importância como recurso didático no ensino de Geografia, falamos da possibilidade do cinema nas aulas de Geografia. Por fim, tratamos nossas considerações finais sobre a pesquisa.

2 CINEMA, EDUCAÇÃO E GEOGRAFIA: PROPOSIÇÕES TEÓRICAS

2.1 A história do cinema e sua relação com a educação

Para falar de cinema é necessário não apenas fazer referência ao seu histórico propriamente, mas também à sua etimologia. Cinema vem do francês cinematographe, palavra de 1895, proveniente do grego Kinema, que significa movimento. O verbo de origem grega gráphein quer dizer descrever. Esta palavra transformou-se em outra de origem latina: graphus = graphe (ENCICLOPÉDIA DO CINEMA, 1975).

O cinema no seu surgimento era diferente do cinema que conhecemos hoje, tanto na abordagem dos fatos, como nos equipamentos utilizados e em seus objetivos. No início o

cinema era mudo e em preto-e-branco. Os primeiros filmes eram rudimentares, de curta duração (um ou dois minutos), que mostravam cenas do cotidiano captadas ao ar-livre por uma câmara fixa, não se tinha a preocupação de tratar de temas atualizados ou fazer as pessoas refletirem sobre uma temática ou tabu social como vemos hoje. De acordo com Netto (2011, p. 103):

A maior parte dos filmes produzidos nos primeiros anos da história do cinema, todos de brevíssima duração, era de caráter documental: vistas de cidades e locais interessantes, pessoas famosas, o mar, os trens, dançarinos, ginastas. Inúmeras fitas ingênuas desses primeiros tempos são tidas como antecedentes do cinema educativo [...].

A primeira exibição pública de um filme foi em realizada em 28 de dezembro de 1895, em Paris, pelos irmãos Auguste (1862-1954) e Louis Lumière (1864-1948). Os dois franceses que inventaram o cinematógrafo, aparelho capaz de exibir imagens em movimento, passaram a ser considerados os inventores do cinema. O filme era intitulado *La Sortie de L'usine Lumière à Lyon* (A saída da Fábrica Lumière em Lyon) e registrava a saída dos funcionários do interior da empresa Lumière, na cidade de Lyon, na França. Foi ainda com os irmãos Lumière que começaram as primeiras “direções cênicas” para o cinema. O cinematógrafo logo passou a registrar não apenas cenas do cotidiano, mas também cenas dramáticas, elaboradas com certo nível de teatralidade, como bem atesta o sociólogo Edgar Morin (2014, p. 69 – 70) na obra *O Cinema, ou O homem imaginário*:

Mas, por sua própria natureza, e desde o seu aparecimento, o cinematógrafo era essencialmente espetáculo: ele exhibia suas cenas a espectadores, para espectadores, e implicava assim a teatralidade que ele desenvolveria em seguida através da direção, da mise-en-scène. De resto, os primeiros filmes do cinetoscópio já apresentavam lutas de boxe, atrações de music-hall e pequenas cenas. O próprio cinematógrafo, desde seu primeiro dia, já mostrava o homem que regava as plantas sendo regado pela mangueira. A 'espetacularidade cênica' aparece assim ao mesmo tempo que o cinematógrafo.

O início do fascínio pela arte das telas que atualmente se configura foi, segundo Rosália Duarte (2002, p. 23), “[...] em 28 de dezembro de 1895, no Salão Indiano do Gran Café, no n. 14 do Boulevard des Capucines, em Paris, 33 espectadores assistiram, pasmos, às primeiras projeções de filmes feitos pelos inventores do cinematógrafo – os irmãos Lumière”.

Com essa primeira exibição a ideia se difunde e várias outras pessoas buscam aprimorá-lo e dar novas características como outro francês, Georges Méliès (1861-1938) que introduz a ficção no cinema usando recursos como cenários e figurinos, também é atribuída a ele a realização dos primeiros filmes em cores com um filme de ficção *Viagem à Lua* (1902).

Com esse filme já se observa diferenças, além de ter melhorado a qualidade da imagem já colorida, observamos grandes mudanças de percepção, enquanto os primeiros tratavam de fatos do cotidiano como a simples saída da fábrica de operários, por exemplo, esse já trazia elementos do imaginário humano, a ficção. Conforme atesta o historiador do cinema Richard Abel (2006, p. 67):

Sendo a mais longa e a mais cara das primeiras férias, *Viagem à Lua* constitui não apenas a culminância do trabalho de Méliès, mas também um avanço significativo. O filme mistura dispositivos teatrais e cinematográficos em maneiras velhas e novas, privilegia o foco de atenção do espetáculo em estendida continuidade narrativa, e, surpreendentemente, experimenta com a divisão e reconstrução da cena curta autônoma.

O cinema se difunde para outros países e recebe cada vez mais equipamentos e ideias que vão enriquecendo-o de novos caminhos no sentido de diversos usos. Já nos Estados Unidos o norte-americano David Wark Griffith (1875-1948) criou o corte e a montagem, o que permitiu contar ações paralelas intercalando as imagens. Além de inovar ao deslocar a câmara para filmar closes diversos, inovações que foram mostradas no filme *O nascimento de uma nação* (1905), que traz como temática a guerra da secessão norte-americana (1861-1865), surpreendeu muitos na época pela longa duração, já que tem mais de duas horas.

O fato de o cinema ter se espalhado por vários países e receber ideias de várias formas e várias contribuições de diversos cineastas, explica o fato de que mesmo tendo como berço a França, o cinema se desenvolveu com mais vigor nos EUA. É lá que se concentrou a produção de cinemas durante a 1ª guerra mundial e foram montados os primeiros estúdios de filmagem, em Hollywood. Portanto, os americanos têm grande responsabilidade sobre a evolução dessa arte.

Assim, como consequência do início da guerra, a indústria norte-americana iniciou sua trajetória hegemônica:

[...] as indústrias francesa, italiana, inglesa e a alemã se viram forçadas a reduzir sua produção, abrindo espaço para a penetração americana não apenas na Europa, mas também na América Latina (antes dominada pelos franceses) e no Japão (antes dominado pelos italianos). Estima-se que ao fim da guerra os Estados Unidos já produziam 85% do número de filmes exibidos no mundo e 98% daqueles exibidos no seu mercado doméstico. A ascensão americana foi acompanhada de aumento na escala de produção, concentração e integração vertical com as atividades de distribuição de filmes que culmina no sistema de grandes estúdios de Hollywood (MINC, 2003, p. 20).

Vale salientar que nas primeiras décadas do século XX a exibição era de filmes mudos com uma música de fundo tocada por um pianista ao vivo, mas já havia a diversidade de gênero que além dos documentários, o gênero mais comum era a comédia, baseada na mímica que era a alma do cinema mudo. As estrelas dessas produções nos anos 1910 e 1920 são Buster Keaton (1895-1966) e Charles Chaplin (1889-1977).

Na Europa, a partir do fim da década de 1910 o cinema se aproxima dos grandes movimentos artístico-literários, como surrealismo, expressionismo, construtivismo, enriquecendo seus conteúdos com ideias mais trabalhadas pelo pensamento humano e suas produções, uma fusão de ramos de produção intelectual humana. Somente em 1927 surge o primeiro filme falado: *O cantor de jazz*, um filme de Alan Crosland produzido pela *Warner Bros* inaugurando uma nova fase do cinema e dando subsídios para uma nova modalidade que foram os musicais.

Durante os anos 1920 e 1930, o jazz, gênero musical então em consolidação nos Estados Unidos, considerado pelos críticos pobre e popularesco e por isso indigno de atenção pormenorizada, começou a se infiltrar no cinema e sobre ele exercer influência, conforme aponta Russell Lack (1999, p. 66):

Os ritmos nervosos e sincopados e os deslizamentos dramáticos do jazz dos anos vinte marcavam um afastamento considerável em relação às formas anteriores de músicas para a cena. Filmes como *The Girl With a Jazz Heart* (1921), *The House That Jazz Built* (1921), *Children of Jazz* (1923), *His Jazz Bride* (1926) e *Syncopating Sue* (1926) captavam de algum modo a “essência da vida jazzística”, ou ao menos era o que acreditavam perceber os produtores cinematográficos norte-americanos. Ainda que não se conserve os roteiros de projeção das “turnês” de exibição de nenhum destes filmes, parece altamente provável que algum tipo de textura influenciada pelo jazz tenha deslizado até o fosso da orquestra.

Somente em 8 de julho de 1896, foi que o Brasil teve a sua primeira sessão pública realizada no Rio de Janeiro. Assim, o cinema começa a ser difundido no país e já na década de 1920, com isso aparecem os primeiros grandes diretores brasileiros como Mário Peixoto (1911-1993), autor do *Consagrado Limite* (1929-1930), e Humberto Mauro (1877-1983), autor de *Brasa Dormida* (1928) e de *Ganga Bruta* (1933). Segundo Gomes (1980, p. 28),

A novidade cinematográfica chegou cedo ao Brasil, e só não chegou antes devido ao razoável pavor que causava aos viajantes estrangeiros a febre amarela que os aguardava pontualmente cada verão. Os aparelhos de projeção exibidos ao público europeu no inverno de 1895-1896 começaram a chegar ao Rio de Janeiro em meio deste último ano, durante o saudável

inverno tropical. No ano seguinte, a novidade foi apresentada inúmeras vezes nos centros de diversão da Capital, e em algumas outras cidades.

Cabe aqui ressaltar que o cinema logo no seu surgimento não exigia uma total alfabetização por parte das pessoas mesmo depois quando deixou de ser mudo, até porque retratava cenas no cotidiano das pessoas, não tinham um propósito de denunciar um fato, criar uma conscientização, portanto, não exigia muita erudição de seu público. Desta forma, desde o princípio, o cinema foi um veículo voltado às massas, que na maioria não tinha um poder de criticidade aguçado, poucos tinham acesso a escolaridade de qualidade em função da desigualdade social e o cinema não se propunha ser responsável, por difundir maneiras, costumes, linguagens, ideologias. De acordo com Bernardet (1980, p. 36):

[...] a sociedade é caracterizada, entre outras coisas, pela simultaneidade e sobreposição das relações espaços-temporais. Entretanto, para os primeiros filmes, representar a caoticidade do mundo atual era uma tarefa quase impossível de ser realizada. Nesse período (primeira década do século XX), o cinema conseguia dizer apenas: agora acontece este fato (primeiro quadro), e assim sucessivamente.

Enfim, esse público-alvo é materializado no sujeito que busca o jogo, o divertimento, o mito, a moral e, conseqüentemente, a identificação com aquilo que vê (projetando-se e sendo no filme representado). De acordo com Morin (1987, p. 45),

A linguagem adaptada a esse *anthropos* é a audiovisual, linguagem de quatro instrumentos: imagem, som musical, palavra, escrita. Imagem tanto mais acessível na medida em que é envolvimento politônico [polifônico] de todas as linguagens. Linguagem, enfim, que se desenvolve tanto e mais sobre o tecido do imaginário e do jogo que sobre o tecido da vida prática.

Com o passar do tempo e da grande representatividade que o cinema ganhou na vida das pessoas, principalmente como diversão, surgiram ideias de como e de que forma poderia fazer uso desse recurso tão importante e apreciado pelas pessoas e que pudesse ser usado na educação para um ensino mais lúdico e aproximado da realidade e de alguma forma trazer para sala de aula uma ferramenta informal quebrando o sentido de rigidez trazido pela escola para uma melhor aprendizagem. Nesse sentido surge primeiramente na França a utilização do cinema para fins didáticos como veremos a seguir.

2.2 O cinema como recurso didático

Vivemos em um mundo globalizado, onde a maioria das pessoas está habituada a conviver com a internet e jogos eletrônicos e a serem bombardeadas com uma gama de informações que, geralmente, não são valorizadas pelas escolas, sem contar que muitos não dispõem de uma infraestrutura adequada. Devido a isso, e em função da informatização do mundo, do desenvolvimento rápido dos meios de conversação e da popularização das tecnologias, a sociedade se transformou no que se refere aos hábitos de consumo e de se informar. Isso também é visível no ensino-aprendizagem, pois cada vez, busca-se ferramentas metodológicas de ensino, que possam facilitar o aprendizado do aluno.

Sendo assim, a educação pelas mídias, principalmente com a apresentação de filmes em sala de aula, tem se mostrado cada vez mais de acordo com o novo modelo educacional que a sociedade globalizada requer. Uma educação mais flexível, mais crítica, mais ativa, na qual o aluno é ator na metodologia de ensino-aprendizagem e o professor conselheiro, pois, para Pires (2010, s/d, p. 281-295):

[...] um processo de produção audiovisual no espaço escolar induz a interesses e comportamentos que perturbam o seu quadro habitual conformado pelas velhas práticas que há muito tempo atuam com uma racionalização disciplinadora, separando os saberes — idades, o pensar do sentir, o trabalho do ócio. Ao contrário, a cultura midiática não separa o sensível do inteligível; a atividade reflexiva do entretenimento.

Pires (2010) descreve bem no trecho acima a definição que os filmes têm para o método de aprendizagem no contexto atual de globalização, reiterando a urgência em reformulações didáticas para o ensino.

Fazer uso de filmes em sala de aula, recorrer à programação da TV e a outros meios de comunicação contribui para o alargamento das fronteiras da escola, e do ensino como um todo. Sobre essa afirmação, Fischer (2007, p. 298) coloca que o uso do cinema em sala de aula é “talvez um dos trabalhos pedagógicos mais revolucionários, no que se refere a uma ampliação do repertório de professores, crianças e adolescentes, em matéria de cinema, televisão, literatura, teatro, artes plásticas e música”.

O autor ainda salienta que a oferta de conteúdos e experiências precisa ir além do que circula na grande mídia, possibilitando educar olhos e ouvidos, educar a alma, de maneira a permitir a formação de um pensamento crítico. Conforme Fischer (2007, p. 298), investir na ampliação dos repertórios tem o sentido de ampliar as possibilidades de estabelecer relações, permitindo inclusive criar um saber-fazer “para pensar de outro modo o presente que vivemos”.

Para estabelecer o nosso ponto de partida, podemos mencionar Vitali (2007), que faz uma alusão de como os alunos do século XXI esperam que sejam as aulas. De acordo com o referido autor, “[...] as novas gerações esperam aulas mais dinâmicas, que tragam elementos novos para dentro da sala de aula fazendo com que o conhecimento possa ser associado de forma sensorial à vida cotidiana de cada aluno” (VITALI, 2007, p. 26).

No mesmo sentido, Antonello, Moura e Tsukamoto (2006, p. 34) colocam que, “nos dias de hoje, os alunos não se contentam em entrar em sala de aula apenas para receber informações, passivamente. Eles esperam uma aula mais dinâmica em consonância com sua realidade e de acordo com seu cotidiano para que possa a partir de situações práticas construir seu caminho na direção do saber. E é nesse sentido que a proposta do uso do cinema da escola se encaixa nas aulas, que com o devido cuidado na escolha e com um objetivo preestabelecido pode ampliar o entendimento acerca do tema desenvolvido a cada ano escolar.

Antonello, Moura e Tsukamoto (2006, p. 34) apontam ainda que:

[...] a defasagem e a fragilidade na metodologia acabam provocando, no aluno, sentimento de desprezo, tédio e antipatia pela disciplina, pela aula e pelo professor, fazendo-o perder o entusiasmo, não reconhecendo o verdadeiro sentido da função do processo de ensino aprendizagem, no qual poderia haver mais compreensão e o despertar do verdadeiro sentido do ensino de Geografia.

As produções cinematográficas cada vez mais estão se tornando populares e caindo no gosto dos espectadores visto como algo prazeroso e assim passou a ser pensado como um canal de disseminação que poderia chegar até as massas ganhando esse viés nas mudanças de comportamento, despertar de consciência para determinado fato social ou denúncia de como determinado comportamento que poderia trazer consequência para um grupo social, além de diversos usos benéficos ou maléficos dependendo da situação.

Essa característica de poder no sentido de influenciar as pessoas passou a ser pensada como poderia ser inserida na educação, em como usá-lo como uma ferramenta pedagógica nas escolas. Foi então na França que essa ideia começou a ser posta em prática, passando a ser um recurso de fundamental importância, inovando com sucesso o ambiente escolar e tendo mais uma nova utilização, como bem nos coloca André Balz (1926, p. 591):

Na França, na cidade de Lille, um congresso reuniu-se, não há muito, com o fim de tratar do cinema educador. Em muitos países da Europa, tem-se introduzido na escola essa maravilha, que dá particular encanto à obra da educação. No departamento da Mancha, da grande nação latina, já se encontram 122 escolas providas de um aparelho cinematográfico. A inovação tem feito sucesso, por toda parte é acolhida com o maior prazer. As lições ilustradas pelo filme, [...]gravam-se no cérebro infantil mais fácil e

profundamente que as outras. É um precioso instrumento pedagógico, que permite suprimir ou abreviar inúteis explicações¹.

Essa ideia do uso de filme em sala de aula começa a ser discutida por diversos autores em vários debates acadêmicos e se espalha ganhando a aprovação para a sua utilização em fins pedagógicos, adquirindo grande importância e sendo defendida por muitos, mesmo alguns chamando a atenção para cuidados que devem ser considerados por parte dos docentes na sua utilização.

Segundo Moran (1995), os alunos geralmente relacionam o vídeo e a televisão a um contexto de lazer, entretenimento e descanso. A visão que os estudantes atribuem ao uso desses recursos didáticos na escola modifica seus reais objetivos em relação ao processo educativo. Contudo, o autor salienta que é a partir das expectativas positivas que os alunos concedem ao cinema, que o professor pode aproveitar para estimulá-los a problematizar e ensinar certos assuntos contidos no planejamento pedagógico.

Como pudemos observar, desde seu surgimento até os dias atuais, o cinema é importante ferramenta de auxílio didático para o professor que deseja fazer de sua aula mais atrativa, aguçando a curiosidade, criatividade e criticidade de seus alunos. Através das exposições cinematográficas, o conteúdo pode ser ministrado com maior facilidade, uma vez que o cinema tem a proporção de ir além da diversão, passando a ser uma das mais importantes ferramentas para atingir um objetivo de massa.

Contudo, não se trata de descartar a cultura letrada, mas integrá-la aos recursos midiáticos presentes nos recursos audiovisuais incentivando o diálogo profícuo entre os variados modos de construção do saber que circulam entre nós. O livro, em vez de segregar ou de se fechar em si mesmo, deve se integrar neste novo processo de construção do saber, abrindo espaço para a realização das múltiplas escrituras. Segundo Napolitano (2006, p. 12),

Trabalhar com o cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte.

É evidente que como qualquer tecnologia a ser implantada em qualquer processo, o cinema para ser implantado no processo pedagógico com sucesso necessita de um profissional bem-preparado e sensível para perceber os possíveis desvios intencionais de seus produtores como, por exemplo, o viés mercadológico que estimula o consumo em todos os setores da

¹ As citações aqui apresentadas estão em sua forma original de escrita.

nossa vivência. O cinema é usado como um produto comercial estando intrínseco nas suas imagens ou sons a indução ao consumo, cabendo ao professor atuar mudando o foco e livrando-se de ser mais um reproduzidor do consumismo, centrado a atenção para os objetivos que se pretende alcançar. Segundo Pretto (1996, p. 118):

Naturalmente, se estamos pensando numa escola na qual a cultura audiovisual seja uma presença, o professor, principal personagem desse processo, precisa estar preparado para trabalhar com essa cultura. Uma cultura que está intimamente relacionada com as mídias e, por isso, exige e determina uma nova linguagem.

Nesse sentido, Campos (2006, p. 1) garante que o cinema “também é uma indústria, é um produto, e os produtores nem sempre estão interessados na verdade, o que exige, dada a sua grande influência e a análise de seu papel e de sua ideologia”. Dessa forma consegue-se trabalhar os conceitos mostrados no filme, e que dependendo do filme poderá ser aplicado em qualquer disciplina. A utilização de filmes já é uma prática relativamente difundida nas escolas públicas. A maior dificuldade talvez resida na escolha dos filmes: normalmente, são filmes didáticos e chatos, documentários ou filmes tão densos e intransponíveis que pouco dizem aos alunos.

Porém, boa parte destes filmes acaba não tendo o efeito esperado porque não possui uma linguagem ou um contexto adequado ao público. Se priorizarmos o entendimento, a escolha de um filme que não nos diz tanto pode ser uma boa alternativa. Isto porque, embora suas reflexões sejam menos profundas, sua inteligibilidade é mais ampla, ou seja, embora nos diga menos, quase tudo pode ser compreendido pelo aluno. Precisamos nos perguntar se há nele elementos com os quais os alunos poderão se identificar e criar vínculos entre a sua realidade e o tema em discussão. Ferraz (2006, p. 09) ressalta que:

A imagem cinematográfica, por ser uma elaboração artística, não pode ser entendida como mera reprodução do real, pois não é uma cópia do mundo, mas sim a instauração de um acontecimento, de uma forma outra de se ver ao mundo, não no sentido de criar uma outra realidade, mas no sentido de enriquecer ao mundo através de uma dada forma de se perceber o mesmo.

Nesse sentido, Moran (1995) afirma que “Um bom filme é interessantíssimo para introduzir um novo assunto, para despertar a curiosidade, a motivação para novos temas. Isso facilitará o desejo de pesquisa nos alunos para aprofundar o assunto do filme e da matéria”. Dessa forma, o vídeo pode se tornar um recurso tecnológico que aproxima a sala de aula ao cotidiano e com isso atrai os alunos que associam o vídeo a um contexto de lazer e

entretenimento, e os mesmos o veria com sua devida importância, pois segundo Moran et al (2006, p. 19) lembra que “utilizando recursos de multimídia, a construção do conhecimento é mais livre, com maior abertura e menos rígida.”

Atualmente, observa-se cada vez mais uma crescente demanda de diversos tipos de filmes nas programações de televisão, seja em canal aberto ou fechado, e no cinema, além da variação de idade dos telespectadores que, em alguns casos, passam horas do dia apreciando tais filmes. Partindo desses pontos nota-se a relevância de agregar os conteúdos da Educação Básica aos episódios dos desenhos ou cenas de filmes, contextualizando com a realidade de muitos jovens e tornando as aulas mais lúdicas. Pensando nisso, nos dias atuais, a relação entre cinema e educação se torna plausível, dado o intransigente processo de globalização pela qual passa nossa sociedade. Campos (2006, p. 1) afirma que: “O cinema, enquanto arte, tem a vantagem de poder usar das várias formas de linguagem pelas outras artes, conseguindo, desta maneira, se comunicar com profundidade e envolvimento”.

Como podemos ver o uso do cinema na educação vem sendo discutido há muito tempo por alguns teóricos, mas pensar numa proposta para a construção do ensino de Geografia não pode ser considerada nova. Configura-se como uma estratégia de ensino adequada às novas características dos estudantes da educação básica. A diversidade das produções cinematográficas gera para o ambiente escolar uma ampla gama de possibilidades, principalmente no que toca aos conteúdos geográficos.

2.3 Cinema e geografia: uma possibilidade didática

Em sua trajetória enquanto disciplina escolar, autores como Veríssimo (1889), Carvalho (1925), Azevedo (1935), Penteadó (1991), Pontuschka (2007), Kimura (2008), Albuquerque (2011) entre outros, apontam críticas sobre a Geografia muitas vezes trabalhada na escola, a partir de práticas mnemônicas e sem significado para a vida dos alunos. Essa reclamação reflete problemas metodológicos em sala de aula revelando práticas que prezavam em demasia a memorização, descrição e lista nomenclaturas. No entanto, apesar de tais apontamentos na prática de ensino de Geografia, acreditamos que esta disciplina tem passado por mudanças significativas nas últimas décadas bem como em sua prática em sala de aula.

A renovação de práticas em sala de aula ganha maior ênfase com o advento da Geografia moderna no Brasil, inserida em sala de aula pelo professor Delgado de Carvalho na década de 1920 (ROCHA, 2009), que envolvido pelos ideais do movimento renovador da Escola Nova, prescreve práticas que tentem superar a pura memorização dos conteúdos partido

do uso, dentre outras estratégias, de recursos didáticos (DIAS, 2013). Dentre estes recursos, destacamos o cinema. Assim, podemos então observar a importância atribuída ao uso do cinema enquanto material didático para o ensino de Geografia, recurso este capaz de aproximar conteúdos à realidade dos alunos.

A respeito do cinema nas aulas de Geografia, o autor Marcelo Cousin (2012, p. 74), declara:

Penso que o uso do cinema como recurso didático deve potencializar o processo de ensinar e aprender em Geografia por meio de uma articulação entre conteúdo conceitual e com os significados que o filme expressa. Para isso, penso ser importante o planejamento da aula levando em consideração a temática em discussão, a faixa etária da trama para a escolha do filme a ser exibido, a organização de um roteiro que irá subsidiar a discussão após sua exibição de um conjunto de atividades que contribuirão para a significação das aprendizagens construídas.

O autor esclarece que o uso do cinema de forma inteligente e bem planejada pode favorecer a transmissão de conhecimento em várias disciplinas, mas é na Geografia que passa a ser cobrado no sentido de explorar as imagens e os fatos geográficos no instante em que a imagem visual pode substituir de forma imediata a descrição de um determinado fato ou lugar de forma instantânea. Somando-se a isso a crítica feita ao tradicionalismo do ensino de Geografia, nos temas de discussão em eventos acadêmicos e pelo próprio histórico da disciplina, o cinema funciona como uma mudança de foco na disciplina criando mais um estímulo no uso de mais um recurso didático na melhoria da sua aprendizagem, já que no ensino dessa disciplina ainda e muito criticado por ser utilizado por professores métodos tradicionais como a mera descrição de lugares, um ensino mnemônico e com poucos mecanismos de criticidade.

Sendo assim, uma vez que o professor opta por introduzir esse recurso didático em suas aulas de Geografia, é necessário que, no mínimo, ele tenha conhecimento do filme que será utilizado. É preciso elaborar um roteiro de possíveis utilizações desse filme com a turma, e, principalmente, articular a discussão do conteúdo proposto para cada faixa etária. Levando em consideração o que deve ser observado no filme exibido, desde que esse, não seja só uma “enrolação”, dito muitas vezes pelos alunos.

Vale ressaltar, no entanto, que quando falamos de seguir um roteiro programado, estamos mencionando desde a ficha técnica dos filmes, na qual devemos citar informações tais como, ano de lançamento, autores, diretores, do que os filmes se tratam para em seguida darmos continuidades aos demais segmentos programados. Outro aspecto relevante em

relação ao uso de filmes como estratégia pedagógica para aulas de Geografia, deve ser a correlação do assunto a ser abordado em sala de aula com o tema do filme. O professor precisa mostrar no filme exibido o conteúdo didático. Assim sendo, a exibição permitirá uma concretização através da imagem do assunto em foco. Após a exibição discute-se o tema a partir das informações que cada aluno alcançou.

A temática das semelhanças entre Geografia e cinema vem ganhando cada vez mais espaço no Brasil, o que vem constatando é que esta questão tem cada vez mais interessado aos geógrafos brasileiros. Levando em conta o fato de que o cinema é uma das manifestações artísticas da cultura de massa cada vez mais presente no cotidiano, e influenciando a forma como as pessoas apreendem o seu espaço vivido, é algo inquestionável. Diante da indigência do uso de imagens na ciência geográfica, percebe-se o papel do geógrafo frente a essas obras. Com o conhecimento sobre economia, cultura, um estudioso da realidade social, é imprescindível que desenvolva um senso crítico, avaliando, dessa forma, as produções cinematográficas como obra de uma parcela da sociedade eivada de seus diversos interesses e ideologias.

Para isso, o professor de Geografia precisa ter o conhecimento necessário para ensinar para os seus alunos, o que realmente condiz com a realidade, na medida em que esses filmes são repassados como um novo método de aprendizagem. Saber diferenciar, e acima de tudo ser crítico, quanto às produções cinematográficas, pois em todo caso nada mais são do que produtos a serem comercializados. Diante da implicação e do poder educacional, ou mesmo alienante que o cinema detém, o papel do professor de Geografia se dilata nesta temática. Sem dúvida, é um significativo recurso para as aulas de Geografia se perfeitamente empregado. O professor de Geografia deve fazer com que os alunos ampliem o senso crítico diante das produções cinematográficas, para que eles possam identificar ideologias, interesses e o que é a representação da realidade.

Desta forma, cabe a Geografia, a necessidade de melhor compreender o papel da imagem na configuração e leitura das relações socioespaciais estabelecidas. Com a forte presença do cinema atualmente, o estudo deste passou a ser desenvolvido por inúmeras ciências (História, Sociologia, Antropologia, Pedagogia etc.), de maneira que a Geografia tendeu a ser cobrada no sentido de também construir referenciais interpretativos e teóricos para saber lidar e ler as imagens cinematográficas a partir de seu arcabouço lingüístico. De acordo com Neves (2013, p. 268),

Com a forte presença do cinema atualmente, o estudo deste passou a ser desenvolvido por inúmeras ciências (História, Sociologia, Antropologia, Pedagogia etc.) de maneira que a Geografia tendeu a ser cobrada no sentido de também construir referenciais interpretativos e teóricos para saber lidar e ler as imagens cinematográficas a partir de seu arcabouço linguístico.

Lembrando ainda que uma das contribuições que o cinema pode oferecer ao ensino de Geografia são os subsídios para a desconstrução da educação tradicional que ainda vigora nas aulas de Geografia. Muitas vezes, a metodologia utilizada pelo professor ao passar os conteúdos para os alunos é unicamente o livro didático, instrumento de trabalho presente na escola e muitas vezes o único disponível (não que ele não seja importante, mas não pode ser o único instrumento para o docente e discente). O livro didático é idealizado como objeto primordial para aprendizagem. Dessa forma, os importantes conceitos geográficos tornam-se subjetivos e apenas conceituais, pois, muitas vezes, distanciam-se da realidade do aluno.

Sabemos que em uma sala de aula os estudantes aprendem de forma diversificada, o professor deve diversificar suas aulas com o uso de recursos didáticos e para esta finalidade deve ser e estar preparado. Segundo Pretto (1996, p. 118), “um significativo passo nessa direção é considerar, no cotidiano da sua formação, as questões da comunicação, da informação e das imagens, com o objetivo de tornar os novos profissionais preparados para vivenciar os desafios do mundo que se está construindo”.

Neste contexto, o professor é a voz ativa, sua posição é o de transmitir determinados conteúdos, dando espaço para que os alunos interajam e reflitam criticamente sobre os conteúdos apreendidos. Diante desse contexto, surge mais um desafio para o professor que é buscar novas formas de transmissão do conhecimento sob pena de se ter aulas difíceis de transmissão, por conta da falta de interesse dos alunos, uma vez que talvez a metodologia tradicional desestimule, aliado a falta de estímulos em casa com a recente falta de acompanhamento dos pais na educação de seus filhos na maioria dos casos, criam um ambiente não propício a aprendizagem.

Além de aspectos já citados, outros fatores podem contribuir com uma postura mais dinâmica do professor em buscar novos caminhos para melhorar sua prática e encontrar novos métodos, contribuindo até mesmo como o próprio crescimento profissional, seu papel social pode possibilitar uma melhor fluidez na transmissão do conhecimento facilitando o seu trabalho no cotidiano. A maioria dos estudantes apresenta dificuldades em compreender alguns assuntos relacionados à Geografia, isso talvez seja atribuído ao sistema educacional que ainda apresenta fragmentos do modelo tradicional, em que o aluno não é estimulado a pensar, mas apenas em absorver os conteúdos expostos.

Straforini (2008. p. 69) destaca que para reverter esse quadro, "o aluno precisa ser inserido na educação não como uma, 'tábua rasa' ou como um elemento que apenas reage a estímulos vindos de fora [...], o aluno deve executar a ação", do contrário, quando ele permanece inativo, acaba se prejudicando, pois não consegue aprender e conseqüentemente não desenvolve a capacidade de pensar. Seguindo o mesmo sentido, Freitag (1999 *apud* STRAFORINI, 2008. p. 69) propõe que "no processo de ensino aprendizagem não é o mundo que age sobre o organismo e sim é o organismo vivo [...] que age sobre o mundo". No entanto, apesar das permanências de velhas práticas de ensino de Geografia, acreditamos que esta disciplina tem passado por mudanças significativas nas últimas décadas bem como em sua prática em sala de aula.

Mesmo atualmente, fugir desta abordagem é bastante difícil, já que o próprio sistema avaliativo nacional é realizado a partir desta visão. Os vestibulares, provas do ENEM, ENADE, concursos públicos, entre tantas outras são realizadas sob este viés, fazendo com que o professor se sinta incapaz de mudar o seu modelo de ensinar. A Geografia escolar tem por função contribuir para a construção dos conhecimentos significativos para a vida das pessoas. As habilidades a serem desenvolvidas nos educandos, por meio dos conhecimentos geográficos, devem facilitar uma reflexão crítica acerca da sociedade na qual eles vivem e, principalmente, sobre o espaço que ocupam, visando à compreensão de como este é organizado cotidianamente.

Portanto, um dos caminhos que pode eliminar os resquícios do modelo tradicional ainda presente no ensino de Geografia é o uso das novas tecnologias no processo de ensino aprendizagem, dentre eles, o uso do cinema, pode oferecer ao ensino de Geografia são os subsídios para a desconstrução da educação tradicional que ainda vigora nas aulas de Geografia. Muitas vezes é preciso fazer um recorte de determinadas regiões e com isso incrementar o ensino aprendizagem para uma melhor absorção por parte dos alunos, e não diferente com a região Nordeste, nosso recorte de estudo.

Primeiramente o aluno precisa entender o conceito de região e como ocorreram seus aspectos culturais, sociais e econômicos da mesma. Ele precisa ficar atento a todos os aspectos da região Nordeste, seus dilemas e problemas, e como se deu essa construção ao longo dos anos, como isso desmitificar preconceitos existentes, para só então inserir em seu cotidiano o conceito de pertencimento do lugar e trazer à prática para uma melhor socialização e inclusão dos mesmos em sala.

3 METODOLOGIA

Para a realização desse estudo de caráter qualitativo com análises bibliográficas, o primeiro procedimento foi de pré-análise dos dados importantes para o prosseguimento do trabalho, pois de acordo com Bardin (2011, p. 89) “É a fase de organização propriamente dita”.

Salientamos que a proposta de trabalhar com filmes não é aleatória, pois desde a graduação, como aluna PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), que tenho trabalhado com esse recurso, de início com filmes de animação, para em seguinte dar procedimento a pós-graduação com filmes relacionado a cada categoria geografia.

Para dar prosseguimento ao nosso trabalho, iniciamos uma leitura minuciosa para um melhor conhecimento dos textos de Ariano Suassuna, em especial o filme *Auto da Compadecida*, e de pesquisas que vem estudando a relação Geografia e cinema, a fim de elencar os materiais que seriam importantes para alcançar os objetivos propostos neste trabalho. Na etapa da escolha da obra do autor Ariano Suassuna, em especial o filme *o Auto da Compadecida*, se deu, pois o mesmo consiste num filme riquíssimo com imagens da região Nordeste. O autor da obra em questão ressalta o seu conhecimento pelo desenvolvimento das formas de expressões populares tradicionais que marcam determinado gênero de vida de uma região, que no caso do filme, o Nordeste.

A seleção dessa película, em meio à grande quantidade de filmes ambientados no Nordeste, se deu por alguns critérios específicos. O primeiro deles é a pluralidade de contextos espaço-temporais em que o enredo do mesmo se desenrola, uma vez que o cenário da comédia nordestina baseada em uma obra de Ariano Suassuna (1955). O segundo, que não se trata de uma região fictícia, pois *O Auto da Compadecida* foi ambientado em Taperoá, uma pequena cidade pouco desenvolvida economicamente do estado da Paraíba.

Passado essa fase, assistimos ao filme diversas vezes, para, a partir de então, começarmos cada vez mais aprofundar nossos conhecimentos sobre o tema, o filme e sua relação com educação, para isso, nos revestimos de todo conhecimento possível, sejam através de textos acadêmicos, TCC, dissertação, e através de leituras via internet.

Posteriormente, foi feita a exploração do material, e mais uma vez, o filme foi analisado minuciosamente, na qual buscamos investigar como a mensagem transmitida pelo filme sobre o Nordeste brasileiro pode ser utilizada pela Geografia e em seu ensino, logo a interpretação das paisagens, o clima semiárido, deu destaque no enfoque do estudo. Também foram levados em consideração os aspectos culturais e sociais, o sentimento de pertencimento

ao espaço vivido, o regionalismo e o coronelismo foram os enfoques geográficos para a construção dessa pesquisa.

Para organizar as discussões aqui propostas, optamos por dividir nosso trabalho em cinco partes. Logo após as considerações introdutórias, discutimos a história do cinema e sua relação com a educação, traçaremos um breve histórico sobre o surgimento do cinema, mais adiante optamos por tentar esclarecer a importância do cinema como recurso didático, para em seguida, falar de sua importância como recurso didático no ensino de Geografia.

Nos resultados e discussões, buscamos compreender de que forma o filme *O Auto da Compadecida* pode ser utilizada para trabalhar a aprendizagem dos alunos, pois o mesmo retrata fielmente a realidade do Nordeste. Nessa etapa procuramos elaborar tabelas a fim de que o educado tenha um aprendizado proveitoso e que os conceitos geográficos entejam implícitos no ensino-aprendizagem e que possam ser claramente identificados através do filme.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 - O FILME O AUTO DA COMPADECIDA E SUA RELAÇÃO COM A REGIÃO NORDESTE

O escritor Ariano Suassuna, escreveu diversos trabalhos que se tornaram clássicos da literatura popular brasileira, no qual o Nordeste é o cenário. Dessa forma, no filme “*O Auto da Compadecida*” é possível verificar os fenômenos geográficos vivenciados no cotidiano, as relações socioespaciais, dentre outras temáticas que abrangem questões interessantes para a Geografia. Pesando nisso, Ariano Suassuna, dentre tantos outros autores, apresentou no filme “*O Auto da Compadecida*” riquezas de detalhes da região Nordeste, no qual poderão auxiliar os educandos da educação básica, para que os mesmos possam compreender e entender a origem de sua diversidade no que tange aos aspectos geográficos, sociais, culturais e econômicos, desta região.

Ariano Suassuna é, certamente, um dos grandes nomes da Literatura brasileira. Antes de ser brasileiro, escritor, dramaturgo e poeta foi, sobretudo, nordestino um dos maiores responsáveis por difundir a cultura da região Nordeste no país. Ariano defendeu sua identidade cultural através de suas obras, na qual grande temática era sobre a região Nordeste. Por isso, a Geografia pode encontrar na sua produção um meio para conhecer os aspectos naturais e sociais de um espaço: o nordeste brasileiro. De acordo com Silva e Cardoso (2005, p. 155 - 156),

Ariano Suassuna nasceu em João Pessoa, na época em que essa cidade ainda se chamava Nossa Senhora das Neves. Seu pai era João Suassuna, governador da Paraíba. Após o término do mandato, Ariano retorna com sua família para o sertão paraibano, onde tinham terras. Muda-se para Taperoá, devido ao assassinato de seu pai. É nessa cidade que o autor faz seus primeiros estudos. No ano de 1938, a família muda para Recife, onde Ariano estudou pintura e música. Ingressa na Faculdade de Direito em 1946, começando a advogar em 1952. Entretanto, abandona a carreira para se dedicar à literatura e ao magistério, atividades que exerce até sua morte em 2014.

Em 1955, escreveu a peça "O Auto da Compadecida", sua obra-prima, que foi adaptada para a televisão e para o cinema (Figura - 1). Sua obra reúne, além da capacidade imaginativa, seus conhecimentos sobre o folclore nordestino. Ainda de acordo com os autores Silva e Cardoso (2005, p.155) “A intencionalidade da obra refere-se à moral católica, seguindo o estilo quinhentista português de Gil Vicente, buscando em determinadas tradições locais e regionalistas do folclore brasileiro”.

Figura -1: Capa do filme “O Auto da Compadecida”.



Fonte: Capasfilmes.com

Segundo especialista, o filme é uma ótima opção para quem quer realizar atividades extraclasse, o mesmo retrata a região Nordeste com toda sua cultura, além de aspectos geográficos e históricos. Ele tem duração de 1h35min, por isso é recomendado assistir na íntegra, em uma única sessão, em mais de uma aula ou em atividades extraclasse. O filme traz

em seu enredo crenças, literatura de cordel, religiosidade, companheirismo e vários outros temas relevantes à Geografia. Para Silva e Cardoso (2005, p. 155),

Os instrumentos culturais mais relevantes no enredo são as crenças e a literatura de cordel da realidade regional brasileira, mais precisamente da realidade regional nordestina. Pesquisar e analisar o Auto da Compadecida é um mergulhar na cultura popular nordestina, seu folclore, sua nação e religiosidade.

Figura – 2: Cenas do filme “O Auto da Compadecida”



Fonte: Imagens do Google.

Como podemos ver através da imagem (Figura – 2), o filme relata basicamente a vida de dois nordestinos João Grilo (Matheus Natchergaele), e Chicó (Selton Mello), que para sobreviver no sertão nordestino, passam muito peleja, chegam até mesmo a mentir para conseguirem o pão de cada dia. Sem contar que são dois personagens totalmente diferentes um do outro, mas que se completam na arte da sobrevivência na pequena cidade de Taperoá, no sertão da Paraíba. Sobre os personagens os autores Silva e Cardoso (2005, p. 156), salientam:

Auto da Compadecida, peça que segue o modelo vicentino, é uma comédia de caráter popular e religioso, tem como protagonistas Chicó, o mentiroso ingênuo, e João Grilo, o malandro. Metem-se numa confusão, em virtude do enterro de um cachorro, que envolverá todos os personagens da trama: o padeiro tolo, sua mulher devassa, o bispo, o padre corrupto e o sacristão. Sem contar o cangaceiro Severino, responsável pelo assassinato em massa de todos, menos Chicó, que conseguira se safar.

No entanto, apesar de tantos problemas nossos heróis/anti-heróis, Chicó e João Grilo, apesar de ser trapaceiro compulsivo e o outro mentiroso por natureza, buscam tirar proveito da melhor forma possível das dificuldades que a vida na região oferece. O longa metragem

traz imagens fiéis da região Nordeste, pois o mesmo acontece em um cenário árido e hostil, características típicas da região, já que o mesmo faz parte do polígono das secas, regiões caracterizadas por pouca pluviosidade. Sobre o fenômeno os autores Troleis e Silva (2018, p. 26), o classificam como:

O Polígono das Secas enquanto recorte territorial de abrangência das condições de semiaridez se constitui em uma área de suma importância para o delineamento das políticas públicas relacionadas ao gerenciamento e gestão dos efeitos adversos do processo de estiagem. Institucionalizado na década de 1980, esse recorte territorial tem passados por várias alterações ao longo do tempo, com a inclusão de novos municípios, extrapolando hoje os limites político administrativos da região Nordeste.

De maneira geral, o filme aborda vários assuntos da Geografia, que podem ser usados no trabalho com as temáticas físico-naturais como com as temáticas humanas abordadas na disciplina, pois trata de maneira leve e engraçada problemas que a região Nordeste vem enfrentando até os dias atuais, como o poder clerical, na figura do padre da cidade, o coronelismo na figura do Major Antônio de Moraes, que era o poder econômico da época, onde o latifundiário detinha o poder. Para Silva e Cardoso (2005, p. 155):

A narrativa *Auto da Compadecida* é fundamentada em romances e narrações populares. Composta de elementos que expõem a cultura popular do homem do Nordeste, Ariano Suassuna aborda assuntos universais através de figuras populares, que mostram integralmente a figura do povo nordestino, um povo oprimido tanto por aspectos climáticos quanto sociais. O autor faz, ainda, uso do humor e da crítica ao falar sobre a realidade do homem nordestino.

A partir desse conjunto de possibilidades, o professor de Geografia pode conduzir o educando a aprendizagens significativas, relativizando um pouco o uso do “tradicional” livro didático. Pela sua flexibilidade, o cinema permite associar seus reclames com o estudo de espaços longínquos ou próximos (Figura - 3).

Figura – 3: Cenas do filme “O Auto da Compadecida”.



Fonte: Imagens do Google

No decorrer do filme podemos perceber traços marcantes da cultura e religiosidade medieval refletida no pensamento do sertanejo. Todo o filme se passa com humor irreverente e muita criatividade. É uma história que diverte e ao mesmo tempo nos leva a uma visão crítica sobre os valores que regem uma sociedade. Principalmente em relação à religião e diferenças de classes sociais. Sobre isto, Silva e Cardoso (2005, p. 161) apontam:

A tradição religiosa é outra frequente em Ariano Suassuna, constituindo também uma realidade favorável ao sertanejo, que surge em destaque no Auto da Compadecida, por meio dos representantes do catolicismo —bispo, padre, sacristão, beatos, entre outros, e finalmente, o Cristo —representado por um negro e a Compadecida —Nossa Senhora que se apresentam combinando divindade e humanidade, aproximando-nos do celestial de maneira mais sensível e sem formalidades, assim como, de certa maneira, descobríssemos como bons amigos.

No entanto é importante salientarmos que o filme é uma vitrine quando se quer trabalhar os aspectos físicos do Nordeste, por ele ter sido ambientado na própria região, apresenta uma pluralidade de imagens, no qual o professor pode trabalhar os conceitos da Geografia, que são, região, paisagem, lugar e território. Pode-se trabalhar outros temas como o clima, já que pelas imagens do filme mostram, é uma região castigada pela falta de água e

infraestrutura, onde o clima que prevalece é o semiárido. Por isso, é uma ótima película para o professor trabalhar o clima, a vegetação, a paisagem e vários outros aspectos físicos do Nordeste.

4.2 PROPOSTA DE ESTUDO DA REGIÃO NORDESTE ATRAVÉS DO FILME O AUTO DA COMPADECIDA

A Região Nordeste é uma região bastante diversificada, tanto quanto em população, quanto em condições naturais e desenvolvimento. De acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) é composto por nove estados, que são, Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Piauí, Pernambuco, Rio grande do Norte e Sergipe. Conforme Souza (s/d, p. 5):

De acordo com dados do IBGE (2003), o Nordeste, região de maior extensão territorial brasileira, constituído politicamente por nove estados, é também a área de maior diversidade geográfica, englobando em seu território diversas condições climáticas e vegetativas que o subdividem em quatro sub-regiões relacionadas a esses aspectos: meio-norte, zona da mata, agreste e sertão, tendo cada qual suas especificidades biológicas.

Dentro desse contexto e toda essa extensão territorial, temos o bioma Caatinga, predominante na região sertaneja. Para Oliveira (2011, p. 10) “além do bioma caatinga que se caracteriza o que se chama de sertão, Nordeste possui uma faixa úmida do litoral onde existe a presença de mangues e mata atlântica há ainda uma área de transição chamada de agreste.”. O autor ainda acrescenta que:

O filme retrata de certa forma a realidade das pessoas pobres de uma região seca e árida, tendo como ponto relevância para a geografia os aspectos físicos da paisagem que influencia até certo ponto as relações interpessoais entre os que têm menos condições e os que são mais ricos. Onde é visível a subordinação dos mais fracos em relações aos seus superiores. (OLIVEIRA, 2011, p. 13).

Diante do exposto acima, conclui-se que a região nordeste é uma região natural onde predomina um conjunto de condições naturais que possibilita as distinguir do restante do território brasileiro. Uma parte desse território nordeste, na qual está inserida a região semiárida, uma região de pouca pluviosidade onde a maioria dos rios são temporários. De acordo com Araújo (2011, s/p),

Para o Ministério da Integração Nacional a delimitação do semiárido mudou recentemente em função de alguns critérios tomados por àquele órgão do

governo no trabalho intitulado: Nova Delimitação do Semiárido de 2005; com isto, o território desta região passou dos 892.309,4 km², corrigido posteriormente aos números supracitados, para 969.589,4 km² e sua população abrangia cerca de 21 milhões de habitantes, tomando como base o censo do IBGE do ano 2000. Segundo o IBGE (2011), em 2010 a região Nordeste contava com uma população de 53 milhões de habitantes. Ao passo que a denominada Região Semiárida contava com aproximadamente 25 milhões de habitantes, em que pese suas características bastante severas em condições ambientais.

Portanto, a região onde o filme é ambientado, tem uma série de acontecimentos naturais que a diferencia das demais, onde as condições naturais não são favoráveis para seus habitantes. O aspecto fictício onde se desenvolve a narrativa do filme, a cidade de Taperoá, é uma típica cidade sertaneja, de chão seco marcado pelo clima semiárido, a pouca vegetação que o filme apresenta é de algumas plantas retorcidas. O que professor pode chamar a atenção do aluno para a paisagem, seja ela natural ou construída pelo homem de acordo com sua classe social, o que demonstra o poder econômico desigual da região Nordeste. Para Souza (s/d, p. 11 - 12):

O espaço diegético onde se desenvolve a narrativa do filme, a cidade de Taperoá, é uma típica cidade sertaneja, com seu chão seco marcado pelo clima semiárido, suas plantas retorcidas, suas casas, em sua maioria, de estrutura rudimentar e a tradicional 'praça da igreja'. Seus personagens são sertanejos estereotipados, visualmente marcados por suas vestimentas paupérrimas e sua tez amarela queimada de sol, que se utilizam de esperteza para driblar as dificuldades que lhes são impostas por sua miserável condição socioeconômica.

Segundo Napolitano (2009), os filmes utilizados no ensino de Geografia são os que discutem basicamente de lugares exóticos, questões ambientais, de convívio entre etnias no mesmo local, não apenas da urbanização das grandes cidades e seus conflitos sociais e políticos. O filme "O Auto da Compadecida" auxilia o aluno a ter um melhor entendimento dos fenômenos físicos, políticos e naturais da região Nordeste, pois o mesmo faz com o que o aluno buscar o porquê dos acontecimentos na região, sejam de ordem social ou física/natural. A partir do filme se pode tratar o porquê do clima, da pouca pluviosidade que assombra a região, cabe o educador explicar para o aluno o porquê dos acontecimentos, o que faz da região Nordeste ser diferenciada com características próprias que a distinguem das outras regiões do país. Segundo Albuquerque (2011, p. 85),

[...] O Auto da Compadecida é obra autêntica, inédita em suas formas e no tratamento do homem do campo, rural, com suas crenças e credos. Ela trabalha a questão regional, do Nordeste estereotipado, místico, daquele Nordeste pobre, ignorante, mestiço, subdesenvolvido, de seca, um Nordeste

sem possibilidades, sem fuga, um Nordeste sem jeito, porém com uma proposta de uma cultura nacional.

A região Nordeste da película, está muito próxima da região estudada pelos educandos nas aulas de Geografia, tendo em vista que através da exibição dela, permite os educandos aproximarem o distante para a realidade local. Salientamos que é importante conhecer o Nordeste do passado para entendermos o Nordeste do presente, assim o filme propicia ao educando essa noção de identificar diferentes culturas, e como esses costumes culturais se manifestam de forma mais intensa na região. Segundo Kaercher (2009, p. 221) “podemos ajudar nossos alunos e a nos próprios a entender melhor o espaço local, o nacional e o global e, melhor ainda compreender as relações entre essas escalas”. Apesar de a região Nordeste estar bem representada no filme “O Auto da Compadecida”, no entanto é preciso saber o que faz de a Região Nordeste ter em sua identidade aspectos culturais tão fortes, até mais do que as outras regiões do Brasil. Conforme Silva *et al* (s/d, s/p):

[...]para o entendimento do Nordeste, uma vez que para isto o aluno precisa entender primeiramente o que é região e como ocorreu, também é importante saber quais os aspectos culturais da sua região, Nordeste, os estigmas que nela existem (seca, baixa qualidade de vida, educação de má qualidade, entre outras) e como se deu esta construção do pensamento de brasileiros de outras regiões.

Segundo Albuquerque (2009), o Nordeste apresentado no filme “*O Auto da Compadecida*”, é um Nordeste carregado na figura do coronelismo, figura significativa que sobrevive até os dias atuais em alguns estados do Brasil. Sendo reconhecido hoje como o “mandão local”. Para o autor:

O coronelismo presente no filme “*O Auto da Compadecida*”, vamos perceber envolto ao Major Antônio Morais, e João Grilo, que é a personagem principal, atua como o criador de todas as situações apresentadas no filme, enquanto os demais personagens compõem o quadro de cada situação. Passemos a analisar as situações desenvolvidas por este personagem. (ALBUQUERQUE, 2009, p. 5).

Outro tema que pode ser abordado nas aulas de Geografia são as migrações. O filme traz esse assunto na personagem de Rosinha, filha de Major, que vai estudar em outra cidade, no entanto, retorna para sua cidade de origem somente para descansar, a partir desse contexto, pode-se trabalhar também a questão de pertencimento do lugar. O filme também traz no enredo a questão da religião, marca registrada do povo sertanejo, que vê na fé uma maneira de fugir um pouco do sofrimento da região, região castigada pela falta de chuva, de clima e vegetações seco. Segundo Souza (s/d, p. 13):

Os personagens têm, intrínsecas à suas falas a religiosidade e o constante apelo a Nossa Senhora, o que torna ainda mais claro a questão religiosa do povo nordestino, sobretudo sertanejo. O sotaque é bem típico do sertão paraibano. A trilha sonora que introduz e finaliza o filme é o som de uma gaita com uma zabumba, compondo uma melodia simples e imbuída de graça e leveza, como o filme.

A paisagem apresentada no filme quase sempre é uma imagem de poucas árvores, em que prevalece o clima seco de pouca pluviosidade. No entanto, o aluno precisa ter o senso crítico e investigador, que a questão da seca na região, muitas vezes está ligada ao fenômeno El Niño e também a questões políticas. Que de acordo com Gonçalves (*et al* 2009, p. 10) “No Brasil o El Niño tem uma característica que é de estar associados a chuvas intensas no sul do país e seca na parte em parte da região Norte e Nordeste”. O mesmo autor complementa que:

O El Niño é uma anomalia que acontece no Oceano Pacífico Equatorial junto com o enfraquecimento dos ventos alísios (que são ventos de leste para oeste em baixos níveis) na região equatorial. Com essas mudanças, altera o padrão de circulação atmosférica, causando em todo Planeta, fenômenos como enchentes, secas, e outros problemas socioambientais e econômicos. Esse fenômeno não tem um ciclo bem definido, ocorrendo entre 2 a 7 anos. (GONÇALVES *et al* 2009, p. 8).

De modo geral “*O Auto da Compadecida*”, retrata nossos aspectos sociais e de caráter político, retrata o cangaço na figura de “Severino de Aracaju”, a religiosidade dos personagens, a migração de “Rosinha”, o coronelismo na figura do “Major Antônio de Moraes”, dentre vários outros temas relevante nas aulas de Geografia. O filme traz também em seu enredo a amizade e o companheirismo na figura de “Chicó e João Grilo” sentimento típico do nordestino, que ver na amizade uma maneira de enfrentar os desafios causados pela desigualdade social tão evidente na região.

4.3 DESENVOLVIMENTO DA PROPOSTA DE ESTUDO

Sabemos das dificuldades que alguns professores têm na utilização das produções cinematográficas como recurso didático. Muitas vezes professores com uma carga horária carregada, já que muitos chegam até ter que trabalhar em mais de uma escola, na ânsia de complementar seu salário. Muitos, algumas vezes são barrados na falta de estrutura nas escolas, enfim são muitas questões impostas para dificultar seu uso.

No entanto, diante de todas as dificuldades mencionadas anteriormente, o grande desafio do professor é agir como mediador e propor ao educando uma leitura crítica das produções cinematográficas, o mesmo deve propor leituras direcionadas que irão além do puro lazer, ou seja, fazer com que o educando veja as produções cinematográficas com criticidade e o mesmo possa se tornar um espectador exigente e consiga enxergar o cinema como conteúdo/linguagem atrelado ao conteúdo escolar e ao livro didático.

Segundo Napolitano (2015, p. 11) “o professor deve ter clareza que o cinema não foi pensando para algo educativo, o filme é um produto para o mercado”. Daí a importância da presença do professor, pois o mesmo tem a difícil função de fazer com o aluno, saiba diferenciar as questões reais e fictícias. Ainda segundo o mesmo autor, o professor que trabalha com filmes como recurso didático tem a função de orientar seus alunos sobre as particularidades do filme, orientando os mesmos a ter uma visão além do que é mostrado na grande tela. Para ele:

A diferença é que a escola, tendo o professor como mediador, deve propor leituras mais ambiciosas além do puro lazer, fazendo a ponte entre emoção e razão de forma mais direcionada, incentivando o aluno a se tornar um espectador mais exigente e crítico, propondo relações de conteúdo/linguagem do filme com o conteúdo escolar. Este é o desafio. (NAPOLITANO, 2015, p. 15).

Passando as primeiras dificuldades, na escolha do filme o professor precisa ter a sensibilidade de preparar os alunos para a diversidade de imagens apresentadas no cinema, ou seja, preparar o aluno à diversidade de culturas, de religiosidades e costumes em que vivemos. Pois para Napolitano (2015, p. 19),

Além dessa preocupação, o professor, ao escolher os filmes para a sala de aula, deve ter o cuidado de respeitar os valores culturais, religiosos e orais dos alunos e de suas famílias, mesmo discordando deles. Não se trata de parecer simpático e conciliatório perante o grupo, e si não bloquear a assimilação de um filme em consequência da precipitação em exibi-lo para uma classe que não estava preparada para aquele tipo de história e conteúdo, seja por limites culturais, morais ou religiosos.

Este cuidado tem que ser constante, pois como vemos no filme *O Auto da Compadecida*, tem uma série de problematizações e o professor precisa reproduzir os valores exibidos no filme e evitar choques socioculturais ou trazer princípios pré-estabelecidos para a sala de aula. Por isso é preciso ter um bom planejamento e uma metodologia apropriada para cada especificidade apresentada no filme e só assim conseguir êxito no trabalho docente com o filme na sala de aula. Segundo Pontuschka (*et al* 2009, p. 280) “[...] o filme tem importância

porque pode servir de mediação para o desenvolvimento das noções de tempo e de espaço na abordagem dos problemas sociais, econômicos e políticos”.

Pelo que podemos observar no decorrer de diversas leituras, o filme já se tornou uma prática relativamente utilizada nas escolas públicas. No entanto a maior dificuldade de alguns educadores seja a escolha dos filmes, pois o mesmo tem que estar de acordo com os conteúdos do livro didático. Por isso que a escolha dos filmes deve estar pautada nos elementos geográficos nos quais os alunos poderão identificar e criar vínculos com sua realidade e o tema em discussão.

Precisamos sempre nos perguntar o que os filmes têm a nos dizer, o que explorar dos filmes, o olhar geográfico nas escolhas dos filmes torna-se muito importante. Muitas vezes é muito difícil encontrar filmes que mostre explicitamente os conceitos geográficos trabalhados em sala de aula. No caso do filme *O Auto da Compadecida*, que exalta a cultura nordestina, pois o mesmo narra uma história carregada de tradições e crenças regionais, onde a figura dos cangaceiros, coronéis e a igreja católica eram autoridades locais na época. A relação nordeste e o filme são evidentes, pois o mesmo apesar de todas essas características citadas anteriormente é um filme para se trabalhar.

Então, quando sugerimos fazer uso do filme como recurso didático nas aulas de Geografia, em especial o filme *O Auto da Compadecida*, elaboramos um quadro nas estão expostas todas as etapas abaixo:

Quadro 1 - Sequência didática para o trabalho com filmes

Primeira etapa	Foco de análise/conceitos
O professor deve assistir ao filme	Ao assistir ao filme, o docente deverá observar a ocorrência das categorias geográficas contidas neste. Ao mesmo tempo em que procurará as cenas que serão mais evidentes para ser trabalhado na sala de aula conforme segue os conteúdos do livro didático.
Segunda etapa	Foco de análise/conceitos
Roteiro de análise do filme	O docente precisa ter o devido cuidado com os seguintes itens abaixo: 1) Qual a duração do filme? 2) Qual a temática principal do filme? 3) Qual a faixa etária do filme? 4) Quais conceitos geográficos serão abordados. 5) Quais cenas será mais destacadas para um melhor esclarecimento dos conceitos geográficos.
Terceira etapa	Metodologia

Os estudantes deverão assistir ao filme em sala de aula	Ao exibir o filme em sala de aula, que deverá ser duas aulas seguidas, o docente deverá acompanhar junto com os alunos as cenas que foram destacadas conforme o roteiro anterior para uma melhor compreensão das categorias geográficas.
Quarta etapa	Discussão teórica
Discussão do filme	De início, a turma pode ser dividida em grupos, em que cada grupo ficará responsável de trabalhar uma categoria geográfica; ou seja, espaço, paisagem, lugar, território e região. Logo em seguida, os alunos ficarão livres para fazer a análise dos conceitos geográfico, seja através de desenho, redação escrita, apresentação em 3D ou maquetes. Por fim, com a turma organizada em forma de “círculo”, um representante ou mais de cada grupo deverá socializar com os demais alunos a categoria estudada.
Quinta etapa	Avaliação
Será realizada a avaliação, por meio de trabalhos expostos na sala de aula.	A avaliação deverá ser contínua, em todas as etapas do desenvolvimento da sequência, desde a exibição do filme até a socialização dos trabalhos expostos em sala de aula. Poderão ser avaliados o envolvimento e a participação dos alunos, a capacidade de trabalhar em grupo, a organização e a criatividade durante as atividades.

Fonte: Adaptado de Silva e Silva (2017).

De acordo com o quadro acima, o docente precisa primeiramente conhecer a produção cinematográfica a ser trabalhada em sala de aula e logo em seguida fazer um planejamento, para poder explorar as imagens adequadamente e atrelar ao conteúdo do livro didático, para um melhor aproveitamento. Segundo Votto e Rodrigues (2017, p. 222):

O professor deve planejar muito bem sua aula, adequando o conteúdo ao filme, escolhendo-o de acordo com a faixa etária e o nível cognitivo dos seus alunos e construindo um roteiro de trabalho com a parte informativa, com informações sobre o filme, e a interpretativa, com questões pertinentes ao seu conteúdo, que direcionarão as discussões em sala de aula.

Contudo, não podemos esquecer que em se tratando de ensino de Geografia, o aluno precisa ter um claro conhecimento sobre os conceitos da Geografia, pois os mesmos de acordo com a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) têm o poder de mobilizar o espaço, ou seja, estimula o raciocínio geográfico. Portanto, de acordo com a BNCC é suma importância que os alunos da educação básica apropriem dos conceitos geográficos para o exercício da cidadania, como aponta o próprio documento:

Essa é a grande contribuição da Geografia aos alunos da Educação Básica: desenvolver o pensamento espacial, estimulando o raciocínio geográfico para representar e interpretar o mundo em permanente transformação e relacionando componentes da sociedade e da natureza. Para tanto, é necessário assegurar a apropriação de conceitos para o domínio do conhecimento fatural (com destaque para os acontecimentos que podem ser observados e localizados no tempo e no espaço) e para o exercício da cidadania. (BRASIL, 2018, p. 360).

Pensando na importância da associação conteúdo e recurso didático, elaboramos o Quadro -2, no qual evidenciamos, a partir do filme *O Auto da Compadecida*, conceitos e conteúdos da Geografia e a série mais adequada para se trabalhar cada um deles:

Quadro 02 – Conceitos e conteúdos geográficos a serem trabalhados a partir do filme *O Auto da Compadecida*

Conceito	Conteúdos	Série
Paisagem	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Elementos naturais e culturais da paisagem; ❖ Transformação da paisagem e a construção do espaço geográfico ❖ Papel do trabalho na produção do espaço geográfico. 	6º Ano
Território	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Formação territorial da região Nordeste, sua dinâmica sociocultural, econômica e política. 	7º Ano
Território e Região	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Conhecer as diferentes concepções dos usos dos territórios; ❖ Diferentes contextos sociais, geopolíticos e ambientais; ❖ Modos de vida na região Nordeste; ❖ Paisagem e elementos físicos naturais. 	8º Ano

Fonte: Adaptado de Silva e Pereira (2012).

Diante do quadro exposto acima, destacados ainda o conceito de lugar, que pode ser abordado através do filme, a partir do sentimento de pertencimento, explícito no retorno da personagem “Rosinha” e o amor que a mesma demonstra pela sua cidade natal.

Portanto, fica evidente que para conseguirmos bom êxito no trabalho com recursos cinematográficos, no caso, o filme, precisamos sempre estar cientes da importância da relação conteúdo, recurso didático e cotidiano nesse modelo pedagógico atual. Que com a junção de forma e conteúdo, os professores de Geografia, possam trabalhar diversas temáticas de maneira prática, ativa e fascinante, para uma melhor aprendizagem para nosso alunado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização do cinema como uma das tecnologias educacionais possibilita a apreensão da história da humanidade, proporciona o conhecimento de como os seres humanos procuram expressar seus anseios, modos de vida em sociedade, interesses e emoções. O cinema invade nosso cotidiano, pelas salas de cinemas, por redes de televisão aberta e a cabo. Hoje se assiste a filmes até pela internet. A quantidade de leitores da linguagem audiovisual é consideravelmente maior do que a do leitor literário.

No mundo globalizado, no qual o cinema é uma forma de comunicação atraente e de interesse de nossos alunos, percebemos que é importante explorar esse veículo de informação e comunicação como forma didática, para promover o interesse para ver além das imagens, para explorar o explícito e o implícito, no sentido do desenvolvimento do senso crítico, da leitura independente.

O professor é o mediador do processo ensino-aprendizagem. Mesmo que apareçam obstáculos, ele deve sempre buscar instrumentos que sirvam para intervir na prática pedagógica a fim de envolver educando no ensino de Geografia. Para que o educador possa em sua prática de ensino estar utilizando o cinema como recurso pedagógico, pressupõe-se que é preciso que haja formação para a utilização das TIC (Tecnologia da Informação e Comunicação), especificamente falando-se em cinema, já que a linguagem cinematográfica é complexa e carregada de conotações ideológicas. No entanto, o professor deve ter uma atitude reflexiva em relação à Geografia, deverá construir meios adequados capazes de transformar suas aulas mais eficazes. Assim haverá uma abertura para questionamentos, debates e construção do conhecimento geográfico.

É importante ressaltar que o ambiente escolar deve estar em constante construção de aprendizagens, e esse processo deve ocorrer quando docentes e discentes permitem uma relação mútua, em que todos tenham a possibilidade de aprender e ensinar. Pois o fazer pensar e o fazer refletir, fazem parte da aprendizagem constante. Desse modo, cabe a educação ampliar as possibilidades que possam proporcionar o conhecimento, para que o educado possa ter uma opinião crítica sobre a construção dos saberes, e os mesmo possa interferir e opinar sobre as diversas realidades que a sociedade ofereça.

Fazer uso do cinema nas aulas de Geografia, é estimular o desenvolvimento dos alunos, é acender a criticidade dos educados, é fazê-los compreender a diversidade cultural existente ao seu redor, é ampliar, cada vez mais, a participação dos mesmos para que as aulas possam fluir de maneira que seja prazerosa para ambos, seja professor e aluno.

Vale ressaltar que ao indicar o filme *O Auto da Compadecida* como forma de ampliar os conhecimentos dos alunos com a região Nordeste, tem o intuito de fazer com os mesmos tenham, sejam eles de qualquer região brasileira, uma percepção da construção do Nordeste, qual o porquê dos acontecimentos essenciais que fizeram a região ser o que ela é atualmente.

No decorrer de nossa investigação bibliográfica, foi perceptível que o cinema tende a desenvolver a percepção dos alunos, e o poder de despertar a interação nas atividades cotidianas nas aulas de Geografia, tornando-as imperativas e atrativas, recurso importante para fazer uma ponte entre o livro didático e a realidade dos alunos. Através do filme *O Auto da Compadecida*, os educados deverão ser capazes de reconhecer os aspectos culturais, sociais, físicos e econômicos da região Nordeste, de forma crítica e reflexiva, aguçando o desenvolvimento de suas habilidades.

Para isso, o professor precisa estar preparado para que este processo se desenvolva sem problemas, e alertem aos alunos, que ao exibir filmes em sala de aula, não é simplesmente para substituir os conteúdos programados e muito menos debater a fidedignidades dos mesmos, o importante é trazer para a realidade do aluno para sala de aula com o intuito maior compreensão dos conteúdos estudados.

REFERÊNCIAS

ABEL, Richard. “The cinema of attractions in France, 1896-1904”, In: GRIEVESON, Lee; KRÄMER, Peter. (Org.) **The silent cinema reader**. Routledge: New York, 2006.

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. 4.ed. revisada. São Paulo: Cortez, 2009.

ALBUQUERQUE, Rafael Marques de. Diversão nos videogames: perfis de usuários de jogos eletrônicos. Florianópolis, SC, 2011. 166 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Design e Expressão Gráfica, Florianópolis, 2011

ANTONELLO, Ideni T.; MOURA, Jeani Delgado de; TSUDAMOTO, Ruth Y. **Múltiplas Geografias: Ensino – Pesquisa – reflexão** (Vol. III). Londrina: Edições Humanidade, 2006.

AZEVEDO, Fernando de. Novos caminhos e novos fins: A nova política da educação no Brasil. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1935.

ARAÚJO, Sérgio Murilo Santos de. A REGIÃO SEMIÁRIDA DO NORDESTE DO BRASIL: Questões Ambientais e Possibilidades de uso Sustentável dos Recursos. Rios Eletrônica- Revista Científica da FASETE ano 5 n. 5 dezembro de 2011.

Ariovaldo Umbelino de (Org.). **Geografia em Perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2009. V.1, p.383.

BALZ, André. O cinema da escola. **Revista do Ensino**. Belo Horizonte: Diretoria da Instrução Pública. v 2., n 10., 1926.

BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema?** São Paulo: Brasiliense, 1980.

CAMPOS, Rui Ribeiro de. Cinema, Geografia e sala de aula. *Estudos Geográficos*, v. 4, n.1, p. 1- 22, 2006.

CARVALHO, Delgado de. *Methodologia do Ensino Geographico: Introdução aos Estudos de Geographia*. Tomo I, Petropolis, RJ: Typographia das Vozes, 1925.

COUSIN, M. **Janela para o mundo: o cinema como ponte entre lugares reais e imaginários**. In: PORTUGAL, J. F. CHAIGAR, V. A. M. Cartografia, Cinema, Literatura e Outras Linguagens no Ensino de Geografia. Editora CRV, Curitiba, 2012.

DIAS, A. M. de L. Linguagens Lúdicas como Estratégia Metodológica para a Geografia Escolar na Revista do Ensino de Minas Gerais (1925 – 1935). Dissertação de Mestrado, João Pessoa, 2013.

DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FERRAZ, Claudio Benito Oliveira. **Cinema e Geografia: a imagem e a paisagem na construção de uma mitologia moderna - a literatura, a pintura e o filme de western.** (artigo inédito), Presidente Prudente-SP, 2006, p. 01.

FISCHER, R. M. B. Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas. *Revista Brasileira de Educação*, v. 12, n. 35 maio/ago, 2007.

FREITAG, Barbara. Aspectos filosóficos e sócio-antropológicos do construtivismo pós-piagetiano. In: GROSSI, Esther Pillar & BORDIN, Jussara. (orgs.). *Construtivismo pós-piagetiano: um paradigma sobre aprendizagem*. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

GAMA, Lavínia Cassiano; SILVA, Maria Bianca Alves da; PATRÍCIO, Luiz Gustavo de Lima. **Filme como recurso didático para a abordagem de gênero nas aulas de geografia uma proposta didática.** Maceió/AL, 2018.

GOMES, Paulo Emílio de Salles. **Cinema: trajetória no subdesenvolvimento.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

GOLÇALVES, Ana Paula; LOPES, Carla Rosa; MARTINS, Mariane. **As chuvas e as secas influenciadas pelo el niño e la niña no sul e nordeste brasileiro.** Florianópolis novembro/2009.

KAERHER, Nestor André. O gato comeu a geografia crítica? Alguns obstáculos a ser superado no ensino-aprendizagem de geografia. PONTUSCHKA, Nídia Nacib; OLIVEIRA,

KIMURA, Shoko. *Geografia no ensino básico: questões e respostas.* São Paulo: Contexto, 2008.

LACK, Russel. *La Música en El Cine.* Madrid: Ediciones Cátedra, 1999.

MORAN, José Manuel. Novas tecnologias e o reencantamento do mundo. *Revista Tecnologia Educacional*. Rio de Janeiro, v. 23, n², 126, set/out. 1995.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T; BEHRENS, Marilda Aparecida. *Novas tecnologias e mediação pedagógica.* Campinas: Papirus, 2006.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo.** Rio de Janeiro: Forense, 1987.

MORIN, Edgar. *O cinema, ou O Homem Imaginário – Ensaio de Antropologia Sociológica.* (Trad. Luciano Loprete). São Paulo: É Realizações, 2014. p. 69-70.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula.** 4. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula.** 4. ed; 2 reimpressão., São Paulo: Contexto, 2009.

NAPOLITANO, Marcos: *Como usar o cinema na sala de aula.* 5 ed – São Paulo: Contexto, 2015.

NAPOLITANO, Marcos: Como usar a televisão na sala de aula. 8 ed – São Paulo, Contexto, 2018. 38

NETTO, Samuel Pfromm. **Telas que Ensinam. Mídia e Aprendizagem: do cinema às tecnologias digitais.** – Campinas, SP: Editora Alínea, 2011. 3ª edição.

NEVES, A. A. A Linguagem Cinematográfica e a Arte do Espaço: novas possibilidades para o ensino e para a pesquisa. In: PORTUGAL, Jussara Franga. OLIVEIRA, Simone Santos de. PEREIRA, Tânia Regina Dias Silva. **(Geo)grafias e linguagens: concepções, pesquisas e experiências formativas.** Editora CRV. Curitiba, 2013.

OLIVEIRA, Denis Raimundo de. **O uso do cinema nas aulas de Geografia: proposta de estudo da Região Nordeste.** Jijoca de Jericoacoara-CE, 2011.

PENTEADO, H. D. Televisão e escola: conflito ou cooperação? São Paulo: Cortez, 1991.

PIRES, Eloiza Gurgel. A experiência audiovisual nos espaços educativos: possíveis interseções entre educação e comunicação. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 36, n.1, p. 281-295, 2010.

PONTUSCKA, Nídia N; PAGANELLI, T; CACETE, N. Para Ensinar e Aprender Geografia. 1º Ed. São Paulo. Cortez, 2007.

PONTUSCHKA, N.; PAGANELLI, Y.; CACETE, N. Para ensinar e aprender Geografia. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. **Geografia.** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

PRETTO, Nelson De Luca. **Uma escola sem/com futuro.** Campinas: Papyrus, 1996.

SILVA, Silviane Batista da; MIRANDA, Wellington Costa de; DANTAS, Danyelle Rayane; BRAGELONE, Jane Cláudia Cabral; SILVA, Éliton José da. **Métodos de ensino para região Nordeste: uma abordagem da pedagogia de projeto aplicada ao ensino de Geografia.** s/d.

SILVA, Elen Karla Sousa da; CARDOSO, Sebastião Marque. **A tradição popular nordestina na obra *Auto da Compadecida* de Ariano Suassuna.** Revista Entrelaces – Ano V – nº 06 – jul.-dez. 2015 - ISSN 1980-4571.

SOUZA, Sheilla Franca de. **As Várias Faces Do Cinema-Nordeste: um paralelo entre ‘O Auto da Compadecida’ e ‘Cidade Baixa’,** s/d, p. 11- 13.

STRAFORINI, Rafael. Ensinar Geografia: **O Desafio da Totalidade-Mundo Nas Séries Iniciais.** 2ª ed. São Paulo: Annablume, 2008.

TROLEIS, Adriano Lima; SILVA, Bruno Lopes da. Do polígono das secas à vulnerabilidade ao colapso hídrico: Uma análise do território do Rio Grande Do Norte. Revista GeoSertões (Unageo/CFP-UFCG). vol. 3, nº 5, jan./jun. 2018.

VERÍSSIMO, José. Estudos Brasileiros. Pará: Editores Tavares Cardoso – Livraria Universal, 1889.

VITALI, Tereza Cristina. O desafio do ensino superior de Publicidade para o século XXI. In: BARBOSA, Ivan; PEREZ, Clotilde (Org.). **Hiperpublicidade: fundamentos e interfaces** (v. 1). São Paulo: Thomson Learning, 2007.

VOTTO, Rossandra Rodrigues; RODRIGUES, Elisângela de Felipe. **O cinema no ensino de Geografia: proposta de roteiro para trabalho em aula**. Revista de Ensino de Geografia, Uberlândia, v. 8, n. 15, p. 206-224, jul./dez. 2017.

REFERÊNCIA FÍLMICA

Auto da Compadecida. ARRAES, Guel. Globo Filmes. Columbia Tristar, 2000. DVD, 100 min. PAL-M, som, Color.